

Membresia de Igreja

Kevin Reed

Como cristãos, somos admoestados a não deixar “a nossa congregação como é o costume de alguns” (Hb 10.25). Contudo, em nossos dias, o individualismo cultural tem invadido a igreja, produzindo uma insalubre atmosfera de independência religiosa entre aqueles que professam a Cristo. O dever de se reunir em adoração pública é muitas vezes tratado com descaso, e frequentar a igreja passou a ser questão opcional.

Quando um cristão professo despreza a adoração pública, ele dá motivos para que o estado de seu coração seja posto em dúvida. Aqueles que verdadeiramente amam a Deus exclamarão com o salmista: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do SENHOR” (Sl 122.1).

Além disso, as obrigações cristãs vão além de simples frequência mediante ordenança pública. As Escrituras prescrevem aos crentes numerosas responsabilidades que só poderão ser cumpridas dentro do contexto corporativo: orar uns pelos outros, exortar uns aos outros, levar as cargas uns dos outros, etc. (Tg 5.15; Hb 3.13; Gl 6.2; 1Ts 5.11). É comum encontrarmos crentes que desejam se conservar separados de qualquer congregação. Mas, se os tais permanecerem constantemente isolados, como poderão cumprir seus deveres bíblicos?

A Bíblia também esboça linhas de autoridade dentro das congregações cristãs. “E rogo-vos irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam, e que os tendes em grande estima e amor, por causa da sua obra” (1Ts 5:12–13). “Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossas almas, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil” (Hb 13.17).

Estas passagens descrevem a devida submissão dos membros da igreja aos oficiais eclesiásticos. Os membros não estão sujeitos aos oficiais como que a tiranos. Os oficiais da igreja governam não para vantagem própria, nem a partir de autoridade pessoal. “Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho” (1Pe 5.3). Os membros da Igreja obrigam-se à sujeição como submissos no Reino de Cristo.

Uma vez entendida a obrigação como membro da igreja, a questão passa ser, a qual igreja se filiar. Na presente era de confusão religiosa, existem miríades de assembleias, todas alegando ser a verdadeira igreja do Senhor Jesus Cristo.

Esses fatos nos levam a considerar o ofício do crente. Os cristãos têm por obrigação ser submissos ao governo de Cristo; mas eles também têm a responsabilidade de refutar as reivindicações de homens que usurpam a autoridade de Cristo. “As ovelhas o seguem [a Cristo], porque conhecem a sua

voz. Mas, de modo nenhum, seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos” (Jo 104, 5).

Reafirmando, toda autoridade religiosa legítima é derivada de Cristo; assim, o verdadeiro crente não deve se render à autoridade de qualquer governo eclesiástico que não seja sujeito à palavra de Cristo.

Durante a Reforma Protestante, os cristãos eram confrontados com um dilema não diferente do nosso. Eles se viam perplexos pelas alegações conflitantes dos diferentes grupos que reivindicavam o título de Igreja de Cristo.

Os líderes da reforma protestante tinham uma sólida visão pastoral. Quando eles formularam as profissões protestantes trataram da questão da membresia de Igreja pela perspectiva pastoral. Eles instruíam os cristãos a buscarem igrejas que tivessem as seguintes três marcas: (1) a verdadeira pregação do Evangelho; (2) A administração apropriada dos sacramentos; (3) O correto exercício da disciplina na igreja. ¹ Este é um sábio conselho para os cristãos em qualquer época.

“A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus” (Rm 10:17). Se uma assembleia religiosa não tem o evangelho de Cristo, ela não é digna de ser chamada igreja. Sem o Evangelho não pode haver cristãos verdadeiros, não pode haver verdadeira igreja.

A administração dos sacramentos é um indicador das práticas de adoração de uma congregação. Se uma congregação, em lugar dos sacramentos, os substitui por formas de adoração feitas por homens, ela não é digna de ser reconhecida como uma igreja verdadeira. E quando uma congregação adota uma multiplicidade de “auxílios à adoração” concebidos por homens, como suplemento às ordenanças bíblicas, o fermento da idolatria já se faz presente. Os cristãos devem evitar tais adorações corruptas, “pois que ligação tem o templo de Deus com os ídolos?” (2Co 6.16).

A aplicação da disciplina na Igreja destina-se a manter a glória devida a Deus e a saúde da Igreja. Se alguém faz uma profissão de fé, mas apresenta uma vida de corrupção moral, os homens consideram sua profissão de fé como hipocrisia. Similarmente, se uma assembleia reivindica o título de igreja, enquanto tolerando notórias heresias e escândalos em seu meio, é porque se degenerou a ponto de não poder mais ser considerada como Igreja de Cristo; ao invés disso, tornou-se “sinagoga de Satanás” (Ap 2:9; 3:9). ² Qualquer assembleia religiosa em que falte disciplina logo torna-se num paraíso para a heresia e para a corrupção moral.

Os reformadores alertavam os crentes a respeito de falsas igrejas, instando-os com veemência a se manterem distantes das assembleias papistas ou anabatistas. Ninguém deveria tornar-se membro de tais falsas igrejas, pois são sinagogas de Satanás.

¹ As marcas da igreja são tratadas especificamente em *A Confissão da Congregação Inglesa em Genebra* (1556), *A Confissão de Fé Francesa* (1559), *A Confissão de Fé Escocesa* (1560), *A Confissão de Fé Belga* (1561). Ver bibliografia para maiores detalhes sobre esses documentos.

² Cf. *Confissão de Fé de Westminster*, XXV:V.

Usando as marcas da Igreja como guia, os cristãos poderão achar e se filiar a igrejas sãs. Como já mencionado, é responsabilidade dos membros de igreja exercitar o discernimento, especialmente quanto à sua afiliação eclesiástica. Muitas vezes, a conexão com uma igreja é baseada em questões de conveniência, expectativa familiar, gosto pessoal, ao invés de se basear em princípios escriturais, os quais deveriam governar este importante dever.

FONTE: *Governo Bíblico de Igreja*, Kevin Reed, Editora Os Puritanos, pág. 53-57.